

Friedman: a morte de um liberal

Paulo Gadelha
Desembargador Federal do TRF da
5ª Região

Desculpem o toque sectário da sentença, mas é esta a minha opinião: o brasileiro Roberto Campos e o norte-americano Milton Friedman foram, na realidade, as grandes vozes da chamada economia de mercado, nas Américas.

Cultos, coerentes, talentosos, assemelhavam-se em tudo, até no estilo irônico com que destilavam suas metáforas.

Roberto Campos, que foi diplomata, ministro, senador, deputado federal, ganhou fama pela maneira engenhosa com que expunha suas idéias.

Certa feita, quando estava sendo entrevistado num programa de televisão, o apresentador mostrou ao então ministro que as estatísticas contradiziam as idéias que ele estava expondo e defendendo.

Ágil e sereno na réplica, o ex-senador pelo Mato Grosso respondeu: “As estatísticas são como os biquínis: mostram quase tudo, mas escondem o essencial”.

Hoje, porém, o texto é sobre Milton Friedman, o verdadeiro filósofo da liberdade, recentemente falecido.

Passei a admirá-lo quando aluno do professor e desembargador João Santa Cruz de Oliveira, coerentemente comunista, titular da cadeira de Economia Política na Faculdade de Direito da Universidade Federal da Paraíba.

O mais respeitado marxista paraibano, embora discordasse das posições de Friedman, reconhecia a inteligência e a coerência do famoso teórico da Escola de Chicago.

Inquestionavelmente, o grande mérito de Milton Friedman foi o de nunca aceitar a tese que o domínio do socialismo iria acontecer como um fenômeno resultante do chamado determinismo histórico.

Acertou em gênero, número e grau.

A queda do Muro de Berlim, o canto de cisne do comunismo, provou que Friedman tinha razão.

Herdou, pois, de Adam Smith, de quem foi sucessor espiritual, a crença nos valores da iniciativa privada, na exaltação ao clássico princípio do “laissez-faire”, na formulação do teorema segundo o qual “o melhor governo é o que governa menos”.

Vencedor do Prêmio Nobel de Economia em 1976, Milton Friedman, em todo momento e em qualquer circunstância, fazia a apologia da presença da “mão invisível do mercado”.

Assim, repetia sempre, por exemplo, o receituário de que “se quisermos eficiência e eficácia, se quisermos que o conhecimento seja bem usado, isso precisa ser feito por meio da iniciativa privada”.

Um cientista da macroeconomia e um guerreiro da liberdade na defesa do cidadão, por sua livre opção, ser, ao mesmo tempo, sujeito e objeto da História.